



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**



Crislândia Pereira de Carvalho

**MULHERES NOS CRISTIANISMOS ANTIGOS: REPRESENTAÇÕES SOBRE  
MARIA MADALENA NO EVANGELHO DE JOÃO E NO EVANGELHO DE MARIA  
MADALENA.**

Picos

2023

Crislândia Pereira de Carvalho

Mulheres nos cristianismos antigos: representações sobre Maria Madalena no evangelho de João e no evangelho de Maria Madalena.

Trabalho de conclusão do curso de História da Universidade Federal do Piauí, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. José Petrócio de Farias Júnior.

Picos  
2023

Crislândia Pereira de Carvalho

Mulheres nos cristianismos antigos: representações sobre Maria Madalena no evangelho de João e no evangelho de Maria Madalena.

Trabalho de conclusão do curso de História da Universidade Federal do Piauí, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em História sob a orientação do Prof. Dr. José Petrucio de Farias Júnior.

Aprovando em: 31 de Agosto de 2013.

**BANCA EXAMINADORA:**



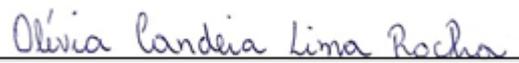
---

Prof. Dr. José Petrucio de Farias Júnior - UFPI



---

Prof.ª Dr. Juliana Batista Cavalcante Miranda Tavares- UFRJ



---

Prof.ª Dr. Olívia Candeia Lima Rocha- UFPI

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**C331m** Carvalho, Crislândia Pereira de  
Mulheres nos cristianismos antigos : representações sobre Maria Madalena no Evangelho de João e no evangelho de Maria Madalena [recurso eletrônico] / Crislândia Pereira de Carvalho - 2023.  
45 f.

1 Arquivo em PDF  
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB  
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos, 2023.  
“Orientador : Prof. Dr. José Petrúcio de Farias Júnior”

1. Evangelho - religião. 2. Evangelho - representações. 3. Análise comparativa. 4. Intencionalidade - representações. I. Farias Júnior, José Petrúcio de. II. Título.

**CDD 226**

Ao querido Caique Antonio da Silva, por tudo. Teve dias que a vontade de desistir era gritante ansiedade, medo e insegurança, e você meu amado, por muitas vezes guardou sua dor para cuidar da minha.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão é saber reconhecer as coisas boas da vida, nesse sentido, quero, em primeiro lugar, agradecer a Deus, meio clichê, mas somente ele é capaz de proporcionar-me forças suficientes para lutar pelos meus sonhos e objetivos. Em seguida, agradeço em especial à dona Luzia Ana da Conceição, foi essa mulher de 48 anos que através das suas atitudes, ensinou-me o significado da palavra solidariedade.

Desse modo, reconheço e agradecer os esforços de dona Luiza, que apesar dos serviços domésticos e da labuta diária se disponibiliza para cuidar do meu filho de 3 anos sem cobrar nada, ela é avó dele e acredita fazer o mínimo, mas tenho consciência que é através da sua ajuda que estou nesse momento escrevendo esses agradecimentos. Muito obrigada por tudo e principalmente por ser meu maior exemplo de amor e solidariedade, você é luz na minha vida.

É importante salientar que o curso acadêmico às vezes costuma ser pesado, e é maravilhoso quando encontramos pessoas que nos ajudam a passar por ele de forma mais leve e satisfatória. Assim, agradeço em especial o Prof. Dr. José Petrócio de Farias Júnior pela paciência e principalmente pela excelente orientação, querido muito obrigado pela confiança e disponibilidade.

Sem sombras de duvida você como professor é um excelente exemplo de responsabilidade e fidelidade. Gostaria de agradecer também a Prof. Dr. Olívia Candeia Lima Rocha, querida obrigada pela disponibilidade e aconchego, sua meiguice é tocante à alma. Agradeço também uma amiga muito querida, Juliane de Moura Gonçalves, obrigada pelas palavras de conforto e por toda ajuda, principalmente com as fontes de difícil acesso.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo destacar as representações de Maria Madalena nos evangelhos de João e de Maria Madalena, com a finalidade de empreender uma análise comparativa da personagem a partir de uma narrativa canônica e extra-canônica. Para tanto, estudaremos o papel da personagem nos evangelhos citados acima mostrando, a partir das marcas de autoria e destinatários de tais discursos, intencionalidades e objetivos por trás da construção de representações sobre Madalena. Entende-se que há uma escassez de estudos históricos em língua portuguesa sobre tal mulher, haja vista a predominância de argumentos teológicos que impedem o público geral de vê-la numa perspectiva histórica. Desse modo, pretende-se com essa pesquisa explorar tal personagem por meio de um viés histórico permitindo-nos compreender as relações de gênero e a função social das mulheres nas comunidades cristãs do século II EC, considerando a diversidade de abordagens. Portanto, a partir dessas discussões procuraremos responder os seguintes problemas: Quais os lugares sociais conferidos às mulheres nas comunidades cristãs, tendo em vista a construção discursiva de “modelos” femininos veiculados às audiências cristãs? Quais as contribuições dos evangelhos em questão para indagar o papel social de tal personagem?

**Palavras-chave:** Evangelhos. Maria Madalena. Representações.

## ABSTRACT

The aim of this paper is to highlight the representations of Mary Magdalene in the Gospels of John and Mary Magdalene, in order to undertake a comparative analysis of the character from a canonical and extra-canonical narrative. To this end, we will study the role of the character in the aforementioned gospels, showing, from the marks of authorship and recipients of such discourses, the intentions and objectives behind the construction of representations about Magdalene. It is understood that there is a scarcity of historical studies in Portuguese on this woman, given the predominance of theological arguments that prevent the general public from seeing her from a historical perspective. The aim of this research is therefore to explore this character through a historical lens, allowing us to understand gender relations and the social role of women in Christian communities in the second century CE, taking into account the diversity of approaches. Therefore, based on these discussions, we will try to answer the following questions: What social roles were given to women in Christian communities, in view of the discursive construction of female "models" conveyed to Christian audiences? What are the contributions of the Gospels in question to investigating the social role of this character?

**Keywords:** Gospels. Mary Magdalene. Representations

## LISTA DE QUADROS

|                                                                        |    |
|------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 – Maria Madalena e as mulheres no cenário da ressurreição.    | 24 |
| Quadro 2 – Madalena nos quartos evangelhos.                            | 31 |
| Quadro 3 – Madalena no evangelho de João segundo a Santa Bíblia.       | 33 |
| Quadro 4- Madalena no evangelho de João segundo a Bíblia Pastoral.     | 34 |
| Quadro 5- Madalena no evangelho de João segundo a Bíblia de Jerusalém. | 35 |

## SUMÁRIO

|            |                                                            |           |
|------------|------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO</b>                                          | <b>8</b>  |
| <b>2</b>   | <b>Mulheres no Império Romano</b>                          | <b>14</b> |
| <b>2.1</b> | <b>Mulheres não Cristãs no Império Romano</b>              | <b>17</b> |
| <b>2.2</b> | <b>Mulheres nas comunidades Cristãs</b>                    | <b>20</b> |
|            |                                                            |           |
| <b>3</b>   | <b>Ressurreição de Jesus Cristo</b>                        | <b>24</b> |
| <b>3.1</b> | <b>Evangelho de João</b>                                   | <b>28</b> |
|            |                                                            |           |
| <b>4</b>   | <b>Maria Madalena como principal testemunha</b>            | <b>31</b> |
| <b>4.1</b> | <b>Madalena no Evangelho de João em diferentes bíblias</b> | <b>33</b> |
| <b>4.2</b> | <b>Evangelho de Maria Madalena</b>                         | <b>37</b> |
|            |                                                            |           |
|            | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                | <b>39</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS</b>                                         | <b>41</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como ponto de análise as representações de Maria Madalena nos evangelhos de João, Maria Madalena e em texto extra canônicos, dando ênfase às diferentes interpretações formuladas em relação à personagem. Maria Madalena ou Maria de Magdala, é descrita no Novo Testamento como uma seguidora dedicada de Jesus Cristo, assim é perceptível que a personagem pertence ao imaginário popular e encontra-se presente na literatura de diferentes povos e distintos contextos, apresentando-se como associada à dimensão do sagrado.

Nesse sentido, dada à relevância de tais textos realizaremos um estudo comparativo, sobre a personagem, utilizando como fontes principais os evangelhos citados acima. Desse modo, buscaremos compreender como se formularam as representações populares sobre Maria Madalena: pecadora arrependida, mulher da qual foram expulsos 7 demônios, prostituta, esposa de Jesus, santa, discípula e serva fiel.

Roger Chartier (1989) contextualiza em seu artigo *O mundo como representação*, que as representações estão interligadas com os interesses e com as características de diferentes grupos sociais, podendo assim, perpetuar a existência do grupo, da comunidade ou classe. De acordo com o autor, a representação possui uma relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pela outra, no entanto, são essas modalidades variáveis que permitem discriminar diferentes categorias.

Neste contexto, Juliana Batista Cavalcante (2016, p, 13) enfatiza que todo texto tem o seu contexto e lugar de vida, mesmo um texto que primeiramente se diga de finalidade religiosa ou teológica. Assim, pode-se observar que o historiador/pesquisador pode agregar diferentes olhares e interpretações a uma documentação. Deste modo, nesta pesquisa analisaremos as fontes/documentação considerando: circunstâncias históricas, marcas de autoria, destinatário, datação, objetivos e intencionalidade por trás das fontes.

Para tanto, faremos uso de diversas obras e autores como Michelle Perrot, Juliana Batista Cavalcante, André Leonardo Chevitarese, Gilvan Ventura da Silva, Roberta Alexandrina da Silva entre outros. Utilizaremos como fontes principais os evangelhos de João e de Maria Madalena, pois apesar destas fontes possuírem seu foco principal na trajetória de Jesus aqui na terra, esses evangelhos são as obras que mais disponibilizam informações sobre Maria Madalena.

John Dominic Crossan (1995) enfatiza que os evangelhos são escritos literários do cristianismo primitivo, em outras palavras interpretações, pois apesar de haver apenas um Jesus, poder haver mais de um evangelho, mais de uma interpretação. Os evangelhos narram a

vida e trajetória de Jesus Cristo aqui na terra, sendo eles os quatros principais livros do novo testamento. O evangelho de João, por exemplo, encontra-se localizado entre os evangelhos sinóticos no novo testamento, sua narrativa aborda claramente sobre a divindade de Jesus como filho de Deus.

Neste contexto, analisaremos o evangelho de João e de Maria Madalena pelo método comparativo, onde consiste em investigar o papel e importância da personagem nas narrativas. O historiador e pesquisador da Grécia antiga, Marcel Detienne (2013, p, 20) ressalta que os caminhos da comparação vêm sendo gradualmente alargados pelos historiadores e que não se trata exclusivamente de comparar as sociedades antigas entre si, mas de compreender as estruturas econômica, religiosa e política.

Sendo assim, tendo em vista que a comparação de documentos é um dos pontos mais importante dessa pesquisa, o autor Chevitarese nos traz um bom conceito sobre a importância de comparar as fontes: “A ideia de comparar documentos, independentemente de eles apresentarem ou não natureza iguais e/ou compartilharem ou não de um mesmo gênero literário é interessante. Por meio da comparação, tive a oportunidade de analisar figuras literárias nos mais diferentes contextos históricos” (CHEVITARESE, 2016, p 101).

Partindo deste ponto, ao compararmos os evangelhos, identificamos perspectivas diferentes sobre a trajetória de Magdalena. Logo, no decorrer desta pesquisa estudaremos suas aparições nos evangelhos e a intencionalidade por trás das representações. Para melhor compor este estudo abordaremos sucintamente a história de outras mulheres bíblicas como Maria, mãe de Jesus, com o intuito de analisarmos as representações criadas intencionalmente sobre tais mulheres.

É perceptível que as personagens bíblicas como Maria, mãe de Jesus e Maria Madalena estão fixadas na memória individual e coletiva das pessoas. Anna Karla Vieira Martins (2016) nos revela que é inegável que o mundo cultural humano é cercado por representações simbólicas de Maria de Nazaré e que as mesmas vêm ocupando o imaginário religioso há muito tempo. Definindo assim, um ideal de mulher a ser seguido, quando se fala em Maria logo vem à mente a mãe do messias o exemplo de santidade e pureza: “Maria então narra um ensinamento que envolvia a compreensão da alma humana, do espírito divino e sua interferência tanto em vida como após a morte” (MARTINS, 2016, p, 28).

Neste contexto, José D'assunção Barros (2011, p, 318) descreve que a memória ultimamente está aberta a uma dialética de lembranças e esquecimentos, deixando assim de ser limitação para a historiografia. Segundo o autor, essa virada na compreensão da Memória apresenta vários desdobramentos para a História: “Desde uma possibilidade para que a

própria Historiografia possa repensar seus pressupostos fundamentais, até as possibilidades de uso da Memória – coletiva ou individual – como fonte histórica” (BARROS, 2011, p, 221).

História e memória social nesta pesquisa possuem interconexões visíveis. Exemplificando, o evangelho de João, sob a ótica teológica amplamente aceita tacitamente por fiéis, é a continuação dos outros três evangelhos sinóticos, tal organização teológica nos oferece a falsa sensação de que há uma continuidade entre os evangelhos e que foram escritos concomitante. Isso ocorreu em decorrência do desconhecimento da historicidade de tais narrativas. Contudo, reconhecemos que os esforços teológicos foram e são bem-sucedidos no sentido de imprimir uma versão sobre a vida de Jesus e seus discípulos presente na memória coletiva de muitos cristãos. Barros (2011) ressalta que mesmo que o indivíduo organize suas lembranças sempre irá recorrer às lembranças do outro:

A contribuição ímpar do sociólogo francês, em um de seus níveis, estava em perceber que – longe de ser processo que apenas se dá no cérebro humano a partir da atualização de vestígios que foram guardados neurologicamente pelos indivíduos, havia uma dimensão social tanto na Memória Individual como na memória coletiva. Isto porque mesmo o indivíduo que se empenha em reconstruir e reorganizar suas lembranças irá inevitavelmente recorrer às lembranças de outros, e não apenas olhar para dentro de si mesmo em conexão com um processo meramente fisiológico de reviver mentalmente fatos já vivenciados (BARROS, 2011, p 322).

Segundo o autor, a memória individual requer como instrumentos palavras e ideias e ambas são produzidas no ambiente coletivo. Peter Burke (2000, p, 70) enfatiza em seu livro *Variedades de história cultural*, que as memórias são construídas por grupos sociais, são os indivíduos que lembram, no sentido literal, mas são os grupos sociais que determinam o que é "memorável".

Dessa maneira, as memórias são influenciadas pela organização social, possuindo assim, diferentes meios de comunicação: tradições orais, as imagens, o espaço e a esfera de ação do historiador. Portanto, objetivamos analisar as formas como as Maria Madalena é representada nos evangelhos de João e de Maria Madalena, considerando a sociedade a qual ela está inserida, a política, economia, os costumes e a cultura, ocasionando a problematização do papel da mulher no Império Romano e nas comunidades cristãs.

Continuamente, sabendo-se que estudaremos dois importantes evangelhos, é essencial compreendemos do que se tratar estas fontes. Helmut Koester (2005, p, 194) contextualiza que o evangelho de João é um produto de uma tradição especial que deve ser situada na Síria, mas ele pressupõe um desenvolvimento de comunidades independente de outras igrejas sírias, pelo menos no começo. Para o autor, o evangelho trata-se da paixão de

Cristo, e é em decorrência dele que se pode assinalar que vida, luz e ressurreição só podem ser encontradas em Jesus Cristo.

Diferentemente do evangelho de João, o evangelho de Maria Madalena é um texto literário apócrifo que trata claramente sobre uma disputa de poder entre ela e o discípulo Pedro. Eleonora Graziani (2017, p, 02) nos revela que o evangelho foi encontrado dentro de outros textos de Nag Hammadi<sup>1</sup> em 1945, e que o trabalho sublinha a importância para a teologia feminista deste e de outros textos apócrifos<sup>2</sup>, considerados em oposição àqueles que são aceitos na leitura pública da liturgia.

Dessa maneira, Graziani (2017) exclama que o evangelho de Maria Madalena tem seu enfoque no processo de exclusão da autoridade “palavra” de mulheres, através do conflito entre Maria Madalena e o discípulo Pedro, destacando assim, a grande importância de Madalena dentro do movimento cristão gnóstico<sup>3</sup>. Portanto, além das fontes citadas acima, utilizaremos as reflexões de alguns autores que abordam o contexto das mulheres nas narrativas Bíblicas, mas também em outros contextos históricos que claramente tratam sobre a submissão das mulheres em sociedades patriarcais.

Deste modo, abordaremos alguns textos da historiadora Michelle Perrot (1994). Um deles é *História das mulheres no ocidente*, no qual ressalta que escrever a história das mulheres é algo relativamente novo e revelador de uma profunda transformação, veiculando-se à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução. Perrot (1994) descreve que a relação entre os sexos é um dos motores da história, todavia, as mulheres são associadas à natureza e os homens à cultura.

A historiadora Maria Isabel (2017) compartilha desse mesmo posicionamento. Ao abordar o questionamento sobre as aparições de Maria, mãe de Jesus, nas narrativas bíblicas, a autora enfatiza que Maria é pouco mencionada, pois apesar da sua deferência há poucas escrituras que falam sobre a sua trajetória, e nenhuma que fale dela em outro contexto que não seja como a mãe do Cristo.

Logo no primeiro capítulo abordaremos sobre as mulheres no Império Romano e sua função em meio à sociedade. Colocando em debate o papel da mulher na História e mostrando

---

<sup>1</sup> Biblioteca de Nag Hammadi é uma coleção de textos gnósticos do cristianismo primitivo descoberta na região do Alto Egito.

<sup>2</sup> Textos “apócrifos” ou livros pseudocanônicos são os livros escritos por comunidades cristãs e pré-cristãs nos quais as comunidades cristãs não reconhecem a pessoa e os ensinamentos de Jesus Cristo por serem escritos sem inspiração divina, portanto, não foram incluídos no cânon bíblico.

<sup>3</sup> Segundo o Prof. Dr. José Petrucio de Farias Junior e Jonnildo Vilomar Mateus Viana (2020), o movimento gnóstico caracteriza-se por designar qualquer movimento de pensamento segundo o qual a verdade divina de salvação está contida numa revelação. Porém, não se trata de qualquer “conhecimento”, mas sim de um conhecimento salvífico, de um saber elevado ou de uma verdadeira sabedoria.

que apesar da submissão e do pouco espaço elas fizeram parte daquela sociedade e das narrativas.

O segundo capítulo aborda claramente sobre as mulheres não cristãs no Império Romano, nele analisaremos o papel da mulher na sociedade romana, principalmente aquelas que se destacaram naquela sociedade. Neste capítulo especificamente no subtítulo é apontada também a função das mulheres nas comunidades cristãs, seu modo de agir e importância naquela comunidade. Em seguida, no terceiro capítulo estudaremos a construção dos evangelhos de João e de Maria Madalena, nele utilizaremos três importantes obras: a Bíblia de Jerusalém (2002), a Bíblia pastoral (2014) e a Bíblia sagrada (2000) com o intuito de compararmos o evangelho de João e identificar a intencionalidade de cada tradução.

Além disso, enfatizaremos o conceito de representação, através da narrativa de ressurreição do Messias, com o intuito de compreendermos o papel das personagens femininas no interior de tal narrativa da ressurreição. Desse modo, para melhor entenderem nosso posicionamento construiremos quadros comparativos, apontando as divergências nos evangelhos e nas bíblias citadas acima.

Portanto, é importante ressaltar que o interesse por essa temática nasceu de experiências religiosas pessoais, pois no decorrer das missas católicas, foi possível identificar que a personagem assim como Eva, Dalila e Rute eram envolvidas em sermões de ensinamentos ou usadas como modelo a ser seguido, mas não se falava delas em outro contexto a não ser religioso.

Por exemplo, Maria, mãe de Jesus, mulher agraciada e geradora do salvador, tornando-se intercessora aclamada por muitos fiéis. Maria foi moldada como modelo de virgindade e castidade não só por sua virgindade antes da gravidez, mas principalmente pela permanência de sua virtude durante e após o parto.

Maria, mãe de Jesus, tal como concebida pelas narrativas cristãs canônicas, resulta de uma criação literária que atribui a essa personagem características que a singularizam bem como a insere num contexto enunciativo voltado ao registro de um ‘nascimento divino’. Ainda que o foco da narrativa seja a concepção de um ser divinizado, Maria, concebida, no plano discursivo, como a virgem que deu à luz por intercessão divina, também é alçada a uma posição singular na construção do mito. Como a ênfase incide sobre o nascimento divino de Jesus, é disponibilizado à Maria pouco espaço nas narrativas, suas aparições estão relacionadas com Jesus Cristo e pouco se sabe sobre a personagem.

Maria Madalena exemplo de mudança e arrependimento e nada, além disso. Despertando-me a curiosidade sobre a personagem, busquei conhecer ela mais a fundo nas

igrejas protestantes, pois a meu ver a religião evangélica abordava os textos bíblicos com mais intensidades. No entanto, me deparei com o mesmo questionamento, foi nesse exato momento que pude afirmar a temática da minha pesquisa.

Neste sentido, esta pesquisa almeja esclarecer a motivação de tais representações, comparando assim, a importância da personagem nas narrativas a qual está sendo analisada. É perceptível que as poucas aparições da personagem, são relatadas por uma perspectiva masculina, ocultando partes importantes da vida e trajetória de Magdala. Michelle Perrot e George Duby (1990, p, 8), exclamam que as mulheres são representadas antes de serem descritas ou narradas, muito antes de terem elas a própria palavra. No decorrer das análises documentais, conseguimos identificar esta ausência de fontes originais, produzida pela personagem, as narrativas são descritas por terceiros.

Dessa maneira, esse projeto se faz importante na medida em que contribua para o conhecimento de uma história problematizada, na medida em que indaga as intencionalidades subjacentes às representações sobre mulheres a partir de homens engajados aos movimentos cristãos. Portanto, nessa análise de fontes destacamos a figura da mulher no meio religioso, mostrando as relações de poder existentes naquela sociedade. A pesquisa se faz relevante não somente no contexto da Universidade Federal do Piauí, lugar social de onde parte sua produção, mas também para a comunidade acadêmica como um todo que tenha interesse em conhecer mais sobre o tema.

## 2 MULHERES NO IMPÉRIO ROMANO

Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa (2012, p, 17) descreve que as abordagens feministas, amplamente discutidas nas últimas três décadas, colocaram em debate o papel da mulher na História, procurando compreender as diferenças instituídas entre os sexos e as relações de poder estabelecidas entre eles. De acordo com a autora, até os anos sessenta, grande parte da historiografia, principalmente a que se tratava da antiguidade, centralizaram seus estudos nas cenas de guerra e nas disputas políticas, e pouca atenção era destinada às mulheres.

Nesse contexto, colocou-se em debate o papel das mulheres na História, buscando assim, compreender como se constituíram as diferenças instituídas entre os sexos. Além disso, ampliaram-se os estudos sobre as mulheres romanas, principalmente aquelas pertencentes a grupos aristocráticos: “Um número significativo de documentos como moedas, inscrições, estátuas e tumbas funerárias passaram a ser utilizados como evidências da participação de muitas delas no meio público” (FEITOSA, 2012, p, 20).

No entanto, Marilda Corrêa Ciribelli (1995) descreve que muito se tem escrito sobre o silêncio da mulher em Roma, mas pouco se sabe sobre elas porque as fontes a silenciam. Segundo a autora, a maior parte desses estudos se refere às "mulheres célebres", quase sempre por suas relações com homens famosos: esposas de políticos, mulheres que se tornaram importantes por realizarem trabalhos de homens: “É uma história vista pelo olhar masculino” (CERIBELLI, 1995).

Além disso, da antiguidade até aos nossos dias a escassez de informações concretas sobre as mulheres contrasta com os diversos discursos, imagens e representações equivocadas sobre elas. Marilda Corrêa Ciribelli (1995) enfatiza que na sociedade romana, prezava-se fielmente pela “honra e a vergonha” de forma errônea e equivocada. A honra é um símbolo que definia masculinidade para o homem e a vergonha era a preocupação com a reputação.

A masculinidade teria várias conotações: coragem, autoridade sobre a família e ação. Porém, para a mulher honra tem um significado oposto de proibição, onde a mulher deve comportar-se com vergonha, significando assim que sua postura tem que ser de vulnerabilidade sexual, evitando qualquer indiscrição:

Feminilidade funciona como um símbolo de vergonha, e o hímen, a penetrável fronteira do corpo sexual da mulher. Nesta divisão sexual do trabalho, honra era considerada um aspecto da natureza masculina expressa no desejo natural da agressividade sexual. Vergonha era definida, para a mulher, indicando passividade, subordinação e exclusão no espaço doméstico. (ZIERER, VIEIRA, 2017).

Desse modo, identificamos que as mulheres romanas eram orientadas, através dos escritores elitistas, a seguir determinados modelos de comportamento. Filipe Noé da Silva e Catarina de Farias Rodrigues (2023, p. 94) enfatiza que o ideal de beleza estipulado pela elite romana define a bela mulher como aquela de pele alva, belas formas, peso moderado, estatura alta, cabelos longos, dedicada e culta. Dela esperava-se a virgindade, a castidade e a fidelidade ao esposo.

Adriana Zierer (2019) relata em seu livro *Nas trilhas da antiguidade e idade média*, que os escribas da aristocracia romana através do uso da palavra como ferramenta principal, descreviam como as “moças de boas famílias” deviam se portar diante a sociedade:

Isto é, a aristocracia masculina romana estaria se considerarmos uma posição hierárquica, em controle do exercício de poder, sendo capaz, portanto, de formular em seus discursos, através das sátiras, o que deveria ser seguido e o que não deveria ser seguido (ZIERER, 2019).

Portanto, as mulheres que resistiam aos modelos estipulados, eram consideradas prejudiciais à cidade, aos lares, à divindade, ao homem e aos ativos. Para melhor explicar sua afirmação, a autora faz uso de um dos casos de adultério que teve grande destaque em Roma, conhecido como “epigrama de Gélia” foi construída mediante palavras que possuem uma função ideológica de demonstrar a desonra feminina, sendo ela exemplo de vergonha e infidelidade naquela sociedade.

A epigrama citado acima é destinado à própria matrona<sup>4</sup> e aos indivíduos que compunham a sociedade romana nos primeiros séculos da era comum. Percebe-se que as mulheres romanas estavam interligadas com as exigências da materfamilias em dar descendentes legítimos ao seu pater família: “Dessa forma, ao ficar afastada da possibilidade de manter relações extraconjugais, a matrona manteria suas atenções e obediências ao marido, dando a este último apenas filhos legítimos, e o esposo, assim, conservaria sua honra pública” (ZIERER, 2019).

É notório que as sociedades antigas caracterizam-se pela diferenciação dos papéis sociais. Por exemplo, a definição de “público” e “privado” na sociedade romana, expressa a posição social dos indivíduos, o espaço público significava o meio político destinado aos homens e o privado doméstico destinado às mulheres.

As mulheres não participavam de modo direto da política, pois não podiam ocupar os cargos políticos e nem concorrer pelo controle do império. Entretanto, Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa (2002, p. 27) relata que as articulações políticas e as relações de

---

<sup>4</sup> Matrona na Roma antiga refere-se a mulheres que possuíam cidadania romana, casadas com homens livres. Essas matronas eram encarregadas da manutenção do lar e da educação moral dos filhos.

clientelismo com pessoas de diferentes estratos sociais, aconteciam nos lares romanos e que consequentemente as mulheres estavam mais próximas das discussões políticas do que o imaginado. Porém, as mulheres que pertenciam a um estatuto social menos privilegiado trabalhavam fora de casa, de forma a garantir o sustento do lar e da família.

As escravas ocupavam-se de todo tipo de trabalho, apesar do pouco espaço, todas elas contribuíram de forma ativa e positiva na economia doméstica, representando o equilíbrio e a harmonia social que lhes era exigida na comunidade cívica. Michelle Perrot (2017) em seu livro *Os excluídos da História* relata que apesar de serem colocadas em degraus abaixo do sexo masculino, as mulheres possuem poderes ao administrar o lar e gerenciar as finanças da família.

Perrot (2017) afirma também que a dona de casa está revestida de todos os tipos de funções, educar seu filho, cuidar da casa entre outros serviços. Sendo assim, conclui-se que as mulheres romanas eram a garantia da preservação das tradições, dos costumes e da continuidade da família, logo é essencial entendermos a função delas no Império Romano.

### **2.1 Mulheres não Cristãs no Império Romano**

A historiadora Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa (2012), num esforço de analisar o papel das mulheres na sociedade romana, organizou uma série de elementos e características das classes sociais a qual elas pertenciam. De acordo com a autora, as mulheres romanas diferenciam-se pela posição social, pertencer a um grupo familiar era fundamental para poder integrar-se à vida da cidade.

Nesse contexto, neste subtítulo analisaremos as mulheres que se destacaram em Roma, apontando seu meio social e função em meio aquela sociedade. Felipe Noé da Silva e Catarina de Farias Rodrigues (2023, p, 103) contextualizam em seu livro intitulado *Desigualdade social na antiguidade: agenciamentos e linhas de fuga* que as documentações epigráfica<sup>5</sup> também são um excelente recurso material capaz de evidenciar a história das mulheres no Império Romano, pois a leitura de fontes diversas, dentre elas a arqueologia, tem possibilitado a escrita de uma história antiga voltada aos diversos grupos sociais.

Segundo os autores, a análise das fontes epigráficas permite a reconstrução de saberes históricos diversos, pois as inscrições romanas esculpidas são valiosos documentos históricos que ajudam a esclarecer a política, o meio social e a economia daquela sociedade. A

---

<sup>5</sup> Ciência auxiliar da história, na qual se estudam as inscrições antigas, enquanto ciência debruça-se sobre o estudo de documentos escritos sobre suportes duradouros como pedras, metais, cerâmicas e madeiras. Os documentos epigráficos consistem também em situar o pesquisador/ historiador o espaço e o tempo no qual o documento está inserido.

epigrafia Latina, por exemplo, disponibiliza através da leitura de inscrições funerárias a atuação de algumas mulheres escravizadas e libertas no Império Romano.

Segundo a epigráfica, as mulheres libertas romanas desenvolviam suas atividades por conta própria ou por meio de parcerias com outras pessoas. Septícia Rufa, por exemplo, foi uma mulher liberta que se destacou através do seu trabalho, responsável pelo batimento do ouro para que ficasse no formato de folha, trabalhava em conjuntura com Aulo Septício Apolônio: “pode-se reconhecer que esta liberta atuava em uma profissão que exigia técnica e especialização por parte das pessoas trabalhadoras” (SILVA, RODRIGUES, p 96, 2023).

Além das mulheres libertas e das mulheres que são consideradas grandes imperatrizes podemos evidenciar as mulheres que lutaram contra o Império Romano. Dentro das nossas análises textuais identificamos a rainha Zenóbia, apresentada por alguns autores como uma rainha exótica e desértica, desafiou o Império Romano e seu imperador a guerrear:

Assim, ela governou sozinha, como regente de seu filho, que ainda era criança. É importante ressaltar que, apesar de não ser a única mulher a conseguir tal feito (TYRA,2018), governar sozinha como mulher e lutar contra o império Romano, levando tropas para a guerra, é algo considerado incomum para a época (SILVA, RODRIGUES, p 104, 2023).

Mesmo em um período curto, ela conquistou, contra o Império Romano, partes da Síria, Anatólia e Egito. Neste sentido, buscando evidenciar a figura feminina no Império Romano, Lourdes Feitosa (2012) descreve que a cidade de Pompéia em Roma, guarda diversas evidências da participação feminina em diferentes estratos sociais como economia e política.

Logo, podemos evidenciar Eumáquia, moldada em estátuas honoríficas encontradas em grandes edifícios dos fullones, a mesma representa as patronas. Possuindo grande relevância na história romana, Eumáquia retrata um excelente exemplo de uma mulher de ascendência não imperial envolvida em assuntos públicos.

Nas colunas dos edifícios é possível identificar a inscrição que explicita sua condição de sacerdotisa pública e patrona da associação dos fullenos. Roberta Alexandrina da Silva (2006) na sua dissertação de mestrado *O Reino para Elas: Mulher e Comunidades Cristãs no Primeiro Século* ressalta que Eumáquia foi uma figura feminina muito importante em Roma, que nitidamente ela pertencia à elite:

Eumáquia de Pompéia, no primeiro século da era cristã, tinha um papel tão proeminente na sua cidade que obteve o status de deusa da cidade, e era construiu um grande complexo que abrigou, depois do terremoto em 62, um mercado de lã e associações de pisoeiros; era uma mulher rica, fabricante de ladrilhos e criadora de ovelhas (SILVA, 2006, p, 87).

É indiscutível que na sociedade romana as mulheres elitistas se destacavam com mais facilidade. Katia Teonia Costa de Azevedo (2023) na coletânea *O feminino na literatura*

*grega e latina*, descreve a vida de uma das protagonistas da história mítica da fundação de Roma. Pertencente à elite, Reia Silva, conhecida popularmente por alguns como Ilía, foi uma princesa sacerdotisa de grande protagonismo no período mítico romano. No entanto, as narrativas sobre a origem de Roma concentram-se nas figuras masculinas do troiano Enéias e dos afamados Rômulo e Remo:

Nessa perspectiva, compreender a representação e o lugar, na narrativa mítica da fundação de Roma, da personagem Reia Sílvia é pensar como o ordenamento social de atributos é tão intimamente associado às relações de gênero. É analisar a complexidade simbólica do corpo e como a corporeidade humana produz e reim, percebe-se, que independente da classe social os homens possuíam mais poderes do que as mulheres.

É evidente que a personagem foi lendária no cenário romano, todavia, marcada principalmente pela opressão e aprisionamento. Segundo a autora, Reia silva reúne em seu corpo diversas marcas de violências “Um corpo oprimido, estuprado, aprisionado e, em certas versões do mito, assassinado; um destino trágico velado pela poética do maravilhoso, ecoado no próprio esvaziamento da sua trajetória” (AZEVEDO, 2023, p, 230).

Além disso, Marilda Corrêa Ciribelli (2002) em seu artigo intitulado *Emancipação e libertação das mulheres na república romana (II e I século a.C)*, ressalta que a sexualidade feminina sempre foi valorizada por sua função de reprodução, que claramente se confortava com a própria essência de ser mulher. Quando as mulheres se opunham contra o masculino, eram consideradas perigosas pela sociedade, por que não permaneciam passivas ao seu domínio.

Ciribelli (2002) enfatiza que nem sempre as mulheres romanas foram passivas, pelo contrário se opuseram de uma forma ou de outra à opressão “Usavam de todos os argumentos, do próprio poder de sedução para romper as brechas do domínio masculino” (CERIBELLI, 2002, p, 263). As mulheres romanas republicanas do século I e II a.C não aceitaram os padrões que lhe foram impostos. Tornando-se “esposas emancipadas” não se dedicavam apenas ao lar, competiam também com o homem no campo político.

A rainha Cleópatra é um excelente exemplo dessa afirmação. Camilla Ferreira Paulino da Silva (2023, p, 329) contextualiza que Cleópatra era sempre tratada como um perigo político e moral, devido à sua relação com Júlio César e Marco Antônio e por ser uma mulher à frente de um reino poderoso. Pertencente à elite, Cleópatra era hábil com as palavras, possuindo assim, o domínio de diversas línguas, facilitando as negociações com os povos estrangeiros.

A Rainha ascendeu ao trono aos 17 anos, logo após a morte do seu pai, nos primeiros anos do seu governo mostrou-se respeitosa para com as tradições egípcias. Porém, em alguns

escritos como o poema Carmen de Horácio representa Cleópatra como uma mulher de vida irregular e desviada das normas sociais.

Silva (2023) nos convida a repensar as representações de Cleópatra nos poemas e nas pinturas augustianas, onde a figura da Rainha é caracterizada como uma mulher dominadora e perigosa. Percebe-se que independente do status social é ofertada às mulheres um espaço inferior aos dos homens, onde é necessário estarem interligadas com grandes feitos masculinos, seja na política, religião ou comunidades.

## 2.2 Mulheres nas comunidades Cristãs

Roberta Alexandrina da Silva (2006) em seu estudo intitulado *O reino para elas: mulher e comunidades Cristãs no primeiro século* descreve que para se compreender a participação feminina nas comunidades Cristãs é preciso analisar as características dos grupos a qual elas estavam inseridas. Desse modo, analisaremos as comunidades do missionário Paulo, considerado o “pai da doutrina cristã” suas epístolas nos fornecem informações sobre a participação e o papel desempenhado pelas mulheres nas comunidades cristãs:

Em ordem cronológica, um dos mais importantes registros dos primórdios do cristianismo foram as Epístolas Paulinas: documentos escritos por Paulo, sem a intenção de escrever obras para a posteridade, desde sua primeira epístola, motivada por problemas na comunidade da cidade de Tessalônica, até às últimas, e a Filemon, escrito na prisão (SILVA, p 66, 2006).

Para a autora, não é exagero considerar Paulo como o maior pensador cristão, pois é indiscutível que nos anos iniciais do movimento cristão, Paulo foi o primeiro e o maior teólogo cristão. No entanto, Silva (2023, p 144) relata em seu texto *A identidade comunal paulina e a práxis igualitária em Gl 3,28* que a figura de Paulo inspira controvérsias na atualidade e os seus escritos incidem em qualquer debate sobre o lugar da mulher na vida e no ministério da igreja, tornando-se o campo de combate do Novo Testamento.

Entretanto, Juliana Batista Cavalcante (2021) enfatiza que as cartas paulinas apontam uma tradição paulina dando vida às vozes femininas, desconstruindo assim, as interpretações dos textos paulinos, que antes legitimam o preconceito em relação às mulheres. Em sua escrita Cavalcante (2021) ressalta a importância do protagonismo feminino nas primeiras comunidades cristãs. Segundo a autora, nos primeiros três séculos do cristianismo as mulheres eram essenciais para o movimento, pois as reuniões aconteciam nas casas, ou seja, nos ambientes privados.

É perceptível que nos evangelhos é facilmente encontrado nomes de mulheres que estiveram presentes em diversos momentos importantes do ministério de Jesus como as irmãs Marta e Maria (Lc 10, 38-40) a mulher do fluxo de sangue (Mt 9:20-22), a cura da filha de

uma Cananéia (Mt 15,21-28) as representações dessas mulheres que participaram e foram curadas por Jesus, segundo os evangelistas, ocasionou na fundação e fixação das igrejas domésticas.

É inquestionável que as mulheres eram essenciais nas comunidades, eram elas que gerenciavam os lares e faziam-se presentes nas reuniões. Elas participavam ativamente no movimento cristão, exceto funções de missionaríssimos e ensino, as mulheres estavam presentes na fundação e sustentação das Igrejas domésticas. Assim, percebe-se que as mulheres cristãs acompanhavam os apóstolos, ajudando-os principalmente nas coisas materiais. Pelas Epístolas Paulinas conseguimos identificar o nome de algumas mulheres que eram dirigentes e chefes de igrejas como: “Apfia, que juntamente com Filemon e Arquipo, dirigiam em Colossas” (SILVA, 2006, p, 80).

No entanto, apesar de sua relevância nas comunidades não era permitido que elas possuíssem mais autoridade que os homens, os “códigos domésticos” intitulados por Paulo é um bom exemplo desta afirmação. Os códigos domésticos, não eram exclusivamente cristãos, sendo identificados na literatura helenístico-judaico e na sociedade romana. Esses códigos tratam-se sobre a hora e a vergonha, termos já analisados neste projeto. O código convida à submissão por parte dos membros inferiores mulheres, filhos e escravos:

Em suma, o trecho da Carta aos gálatas nos insere num debate em que questões envolvendo honra e vergonha são suplantadas em prol de uma igualdade comunal compartilhada pelos membros (ZIERER, VIEIRA, 2017).

Silva (2006) exclama que submissão à assembleia e à família, é encarada como qualidades a serem seguidas pelos membros das comunidades, em especial a mulher: “São várias as advertências, ordenando-as que aprendam em silêncio, com toda a submissão; ou fiquem quietas nas assembleias” (SILVA, 2006, p 87).

Nesse sentido, evidenciamos uma hierarquia na distribuição das funções eclesiásticas. As mulheres eram encarregadas de instruir os jovens aos valores domésticos tradicionais e os homens destinados à pregação e ao comando das igrejas. Cavalcante (2021) enfatiza que nas comunidades era comum a presença de várias exigências e regras a serem seguidas e principalmente pelas mulheres. Por exemplo, uma mulher só poderia ser considerada viúva caso possuísse alguns pré-requisitos como ter sido casada apenas uma vez, ter no mínimo 60 anos e ter em seu favor o testemunho de boas obras.

As viúvas quando nomeadas para a realização das tarefas na igreja, deviam se portar de forma decente e respeitosa em meio à comunidade. Gilvan Ventura da Silva (2006) ressalta que as viúvas se dividiram em dois grupos distintos, as viúvas que como forma de resistência

reclamavam assistências por parte de suas comunidades e as viúvas que por vontade própria se entregavam à continência: “O juramento de continência das viúvas é irrevogável, o que leva alguns bispos a defender a excomunhão em caso de ruptura” (SILVA, p 313, 2006).

Gilvan Ventura da Silva (2006) em seu texto *A redefinição do papel feminino na igreja primitiva: virgens, viúvas, diaconisas e monjas*, descreve também sobre o papel das virgens nas comunidades. De acordo com o autor, embora a virgindade e a continência sejam recomendadas a homens e mulheres, fortalece-se nas igrejas a ideia que a abstinência sexual é destinada às virgens e as viúvas, ou seja, mulheres consagradas à oração. Assim, as virgens inicialmente permaneciam confinadas à casa dos pais, deixando seus aposentos apenas para participar das cerimônias da igreja local.

Continuamente, como mencionamos anteriormente, as mulheres deviam seguir códigos de comportamento, e por mais que se destacassem não possuíam mais autoridade que os homens. Maria de Fátima Carvalho de Moreira (2009 ,p, 72), enfatiza que no tempo de Jesus, as mulheres judias viviam em uma situação de grande privação, possuíam os direitos à sucessão, porém os herdeiros masculinos tinham a procedência. Os bens herdados pelas mulheres como propriedades passavam a ser usufruídos pelo marido, como já mencionado, por mais que as mulheres tivessem voz ativa nas comunidades, não era permitido ter mais autoridade que os homens.

Neste aspecto, podemos citar Maria Madalena, figura feminina que obteve status importante na igreja primitiva, porém pouco evidenciada nas narrativas. Madalena nomeada em primeiro lugar entre as mulheres que seguiam Jesus era uma discípula que apesar da sua fidelidade e feitos na comunidade só é mencionada nos evangelhos sinóticos como a proclamadora de Jesus Cristo.

Foi exatamente na formação do Cristianismo que tem origem a história de Maria Madalena. Cavalcante (2021, p 08) através do seu livro *Mulheres nos Cristianismo Paulinos*, convida os leitores a refletirem sobre o cristianismo, movimento religioso, plural e polissêmico que na medida em que se institucionaliza busca criar uma narrativa homogênea e ortodoxa, promovendo um silenciamento das mulheres como personagens.

Continuamente, Magdala é mencionada dentre as perícopes<sup>6</sup> bíblicas, onde duas se tornaram alvo das mais diversas e conflitantes interpretações que conseqüentemente fragmentaram a memória da personagem em múltiplos símbolos e mitos. Por exemplo, a

---

<sup>6</sup> Trecho de um livro utilizado para transcrição ou para outras finalidades.

perícopes bíblicas utilizadas como fundamento para interpretações contraditórias sobre Maria Madalena encontra-se facilmente no evangelho de Lucas (Lu 8.1-3).<sup>7</sup>

O evangelista narra a história de uma mulher que foi curada de 7 demônios, e que seguia Jesus em suas viagens e servia com seus bens. Entretanto, segundo a autora Maria de Fátima Moreira de Carvalho (2009, p 36) o relato que antecede este registro, trata da história de uma mulher anônima, que foi interpretada como prostituta:

Tertuliano (150-222), como já mencionamos, foi o primeiro teólogo de que se tem conhecimento, a afirmar que a prostituta era a própria Madalena. Entretanto, apesar do assunto ter sido objeto de discussão por parte de muitos estudiosos, como Irineu (c. 130-202 d.c), Orígenes (185-254 d.c), Jerônimo (340-420), Santo Agostinho (354-430) e Crisóstomo (c. 349-407 d.c), até o século VI, não havia um consenso entre os doutores da Igreja sobre esse entendimento (CARVALHO, p 37, 2009).

Segundo a autora, o documento que estabeleceu a identidade de Madalena e a pessoa anônima, trata-se de um sermão pronunciado na Páscoa de 591, na Igreja de Latrão, em Roma. Dessa forma, apesar de não haver uma evidência que Magdala seja realmente este pecadora anônima, a personagem ficou conhecida e fixada no imaginário ocidental como a pecadora penitente, ou a prostituta arrependida.

Continuamente, assim como Madalena, Tecla foi uma mulher presente na comunidade cristã, realizou grandes feitos como a pregação e o batismo, porém, é pouco mencionada nas narrativas. Cavalcante (2021) descreve Tecla como um modelo de apostolado feminino. Caracterizada como uma nobre inteligente, fluente e totalmente justa no corpo e na lama, tecla assim como Paulo pregava o evangelho e ficava a frente dos cultos: “O culto de Tecla foi um dos mais importantes na antiguidade Tardia, chegando a rivalizar com o de Maria, mãe de Jesus”.

Desse modo, conclui-se que nesse capítulo vimos um breve apanhado historiográfico sobre a figura das mulheres na sociedade romana e nas comunidades cristã, mostrando que assim como as personagens principais desse estudo, as mulheres nas comunidades cristãs e as mulheres romanas, por mais que se destacassem em seu meio, foram representadas segundo a perspectiva masculina, ocultando parte importante da sua História.

A partir desses discursos, nós despacharemos, no próximo capítulo, sobre as intencionalidades por trás dos evangelhos de João e de Maria Madalena, com o intuito de

---

<sup>7</sup> Depois disso, Jesus percorria cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Notícia do Reino de Deus. Os doze iam com ele, e também algumas mulheres que tinham sido curadas de espíritos maus e de doenças: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, alto funcionário de Herodes; Suzana e muitas outras, que serviam Jesus com os bens que possuíam (BÍBLIA PASTORAL, p, 1 263, 2013).

analisarmos com mais precisão a importância e papel das personagens nas narrativas, considerando seus destinatários e marca de autoria.

### 3 RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO

Juliana Batista Cavalcante e Tayná Louise de Maria (2020, p, 117) contextualizam no livro intitulado *Ressurreição na literatura e na cultura material antiga cristã*, que se entende que as primeiras informações de Jesus ressuscitado foram dadas pelo apóstolo Paulo. O discípulo que auto se denominou apóstolo tornou-se parte significativa do Novo Testamento. Paulo é apontado como um “legítimo” portador da fala de Jesus Cristo, suas cartas remontam aos anos 50 e 60, e representam a força da influência paulina nas comunidades cristãs.

No entanto, Cavalcante e Maria (2020) claramente não invalidam a importância de Paulo no contexto da narrativa da ressurreição, porém, levanta o questionamento sobre a participação das mulheres na narrativa. As autoras levantam o questionamento sobre as demais aparições de Jesus: os membros da família, aos discípulos, e aos outros quinhentos que estavam vivos, no intuito de identificar se haviam mulheres no cenário da ressurreição, ou se eram apenas homens.

Neste contexto, analisaremos neste capítulo o cenário da ressurreição de Jesus Cristo e a importância das mulheres nesse movimento. Explorando assim, o evangelho de João, procurando identificar a intencionalidade por trás da escrita da narrativa, pois, sabe-se que cada evangelista constrói a sua narrativa de acordo com seu contexto e comunidade, nos quais alguns elementos como a sexualidade, discipulado e curas são entrelaçados.

Deste modo, é essencial esclarecer que de acordo com Cavalcante e Maria (2020) é difícil estudar a narrativa da ressurreição, pois as iconografias que abordam a ressurreição de Jesus de forma direta não são muitas. Segundo as mesmas, a razão disto é que elas são raras entre os séculos III e IV EC. Consequentemente, desenvolvem-se diversos mitos e teorias sem fundamentos sobre a narrativa.

Exemplificando, as autoras descrevem que há uma forte tradição oral e incômoda de que Jesus não estava disposto e preocupado em aparecer primeiramente aos discípulos atribuindo às mulheres esse privilégio, todavia, não por merecimento, mas como forma de disciplinar os discípulos:

Ele escolhe outros grupos que podem ser de outras esferas, que podem ser familiares, os quinhentos cujo grupo não sabemos quem é, ou mesmo as mulheres que pareciam mais preocupadas em lembrar de seu senhor aos Doze. O último grupo é considerado o mais incômodo (pois são mulheres) e considerado impróprio, e na maioria dos textos a primazia está para elas (CAVALCANTE, MARIA, p 131, 2020).

No entanto, Cavalcante e Maria descrevem que essa memória é desconstruída ainda nas primeiras décadas. De acordo com as mesmas, Jesus atribuiu às mulheres a função de anunciar a sua ressurreição por merecimento, obediência e fidelidade naquele grupo, ou seja, muda-se a discussão sobre apostolicidade; desse modo, foi concedido a Magdala a proeminência do falar.

É perceptível que os textos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) descrevem em suas narrativas a presença das mulheres observando de longe (Calvário), no momento da ressurreição e no sepulcro, no qual é concedida Madalena a missão de anunciar a ressurreição do Messias, o quadro abaixo demonstra essa afirmação:

Quadro 01 Madalena e as mulheres no cenário da ressurreição

| Maria Madalena | Maria, mãe de Jesus. | Salomé   | Maria   | Maria, mãe de Tiago. | Joana    |
|----------------|----------------------|----------|---------|----------------------|----------|
| Mc 15-16       |                      | Mc 15-16 |         | Mc 15-16             |          |
| Mt 28:1        | Mt 28:1              |          | Mt 28:1 |                      |          |
| Lc 24: 10      |                      |          |         | Lc 24;10             | Lc 24:10 |
| Jo 20:1        |                      |          |         |                      |          |
|                |                      |          |         |                      |          |

As narrativas canônicas convergem para o mesmo entendimento. Maria Madalena e as outras mulheres, que acompanhavam Jesus desde a Galiléia, assistiram a sua crucificação e morte. Assim, percebe-se a importância das mulheres e de Magdala nas narrativas, mas com foco principalmente na vida e ressurreição do Cristo, “Nenhum apóstolo presenciou o episódio, apenas as mulheres, que seguiam Jesus desde a galiléia” (CARVALHO, p 50, 2009).

Contudo, apesar de Magdala ser considerada a anunciadora de Cristo, a personagem ainda é caracterizada por alguns cristãos como a prostituta arrependida. Talita Von Gilsa (2021, p, 15) em seu estudo intitulado *Maria Madalena No cinema: Novos olhares a partir da produção cinematográfica de 2018*, contextualiza que Maria Madalena é uma figura histórica e mitológica, alvo de diferentes representações e significações ao longo do tempo, no qual encontra-se presente na literatura de diferentes povos e distintos contextos, apresentando-se como associada a dimensão do sagrado.

Segundo a autora, Madalena passou a ser representada como prostituta e pecadora arrependida, após o equívoco do papa Gregório I, que considerou três personagens femininas

citadas nos evangelhos de Lucas e João como Maria Madalena: “A indagação sobre a união destas personagens femininas e Maria Madalena já existia em outros doutores da Igreja, como Santo Agostinho, que sugeria essa possibilidade, sem ter como comprová-la” (GILSA, p 16, 2021).

Talita Von Gilsa (2021) ressalta que essa ação do papa foi intencional, onde o mesmo objetivava construir um exemplo simples de pecado e arrependimento que fosse inteligível aos fiéis cristãos do período. Neste sentido, percebe-se que esta ação do papa de fazer alusão à importância da personagem por si só, não traz mudanças para a forma com que as sociedades patriarcais caracterizam a personagem e as mulheres:

Considerar Maria Madalena digna ou importante não necessariamente motiva a contestação acerca do afastamento das mulheres de cargos de poder dentro da Igreja Católica ou fora dela. Pensar nas mulheres em outros espaços, é pensar em outra sociedade, em que as mulheres e suas demandas têm protagonismo (GILSA, p, 17, 2021).

Para Gilsa, apesar de o Vaticano ter admitido o erro do papa Gregório I, em 1969, e o papa João Paulo II, em 1988, reconhecer Madalena como “Apostola dos Apóstolos”, sua relação com o “pecado” e prostituição ainda está fixado no imaginário popular. Consequentemente, o cinema reproduziu este imaginário, representando a personagem como uma mulher que se relacionava sexualmente com liberdade, o que poderia ser confundido no desenvolvimento da narrativa como prática de prostituição. Cavalcante e Maria (2021) enfatizam também que devido à trajetória da personagem ter sido relatada pelo masculino sua imagem foi adulterada ou falsificada no processo histórico:

Devido às várias interpretações produzidas no campo masculino sobre quem era Maria Madalena e qual teria sido o seu papel no movimento de Jesus, sua imagem, foi forjada no processo histórico, ao menos pelo campo da ortodoxia cristã, foi a de uma mulher pecadora e adúltera, negando-lhe qualquer possibilidade de liderança e apostolado (CAVALCANTE, MARIA, p 100, 2021).

Apesar desses problemas em relação ao protagonismo da personagem em filmes, narrativas evangelistas e livros. Para as autoras, sua presença no movimento de Jesus serviu para pensar não apenas a sua participação, mas também a de muitas outras mulheres no interior do processo formativo das comunidades cristãs. É evidente que Magdala está associada ao movimento da ressurreição, pelos mais diferentes autores (Mc, Mt, Lc, Jo) entres todas as mulheres citadas, Madalena é a que se faz presente em todas as narrativas.

Dessa forma, entende-se que Madalena é uma personagem chave no Novo Testamento, de berço judaico-cristão a sua história remonta aos primórdios do cristianismo, referente ao século II. Assim, é essencial neste estudo explicamos o que estava acontecendo

nesse período, no início do século, o império romano atingiu sua maior expansão sobre o império de Marco Úlpio Nerva trajano (89-117). Este período também presenciou a remoção dos judeus de Jerusalém durante o reinado de Públio Élio Adriano (117-138). O último quarto do século presenciou o fim do período de paz e prosperidade conhecido como Pax Romana com a morte do imperador Marco Aurélio.

Por conseguinte, conclui-se que Madalena insere-se numa visão de uma história dominante, exclusivamente masculina, marcada por privilégios sociais e hierarquia. Exemplificando, o anúncio dado por Madalena sobre a ressurreição de Cristo, de início gerou um desconforto, até mesmo entre os discípulos, evidenciando e fortalecendo as representações populares sobre a personagem: “Seu papel de protagonista na narrativa da ressurreição de Jesus, soa, na cabeça daqueles cristãos mais conservadores, como o mundo estando de ponta à cabeça” (CAVALCANTE, MARIA, 2021).

### 3.1 Evangelho de João

O evangelho de João é um dos textos bíblicos que mais fornece informações sobre Maria Madalena e o cenário da ressurreição. Deste modo, é essencial analisamos esta obra com o intuito de identificarmos o papel da personagem na narrativa e a intencionalidade do autor. Helmut Koester (2005) contextualiza em seu livro *Introdução ao Novo Testamento* que o evangelho de João é produto de uma tradição especial que deve ser situada na Síria, sendo ele um testemunho importante do desenvolvimento inicial de uma compreensão gnóstica da tradição dos ditos de Jesus.

André Leonardo Chevitarese (2016, p 38) enfatiza que apesar desta fonte ser tão popular, conhecida pelo senso comum como “evangelho do discípulo que Jesus amava”, não é possível afirmar uma datação específica sobre ele, e que possivelmente, o texto seja resultado da ação de um redator situado entre meados e final da primeira metade do século II. Além disso, Chevitarese ressalta que é importante reconhecer que não há qualquer informação minimamente segura sobre o local de redação do evangelho do discípulo que Jesus amava.

Deste modo, entende-se que os evangelhos nos fornecem informações sobre como cada evangelista concebia Jesus no final do último século e a sua apresentação à comunidade cristã, de maneira que essa apresentação nos informa indiretamente a visão dessa comunidade no tempo em que o evangelho foi escrito.

Neste contexto, Raymond Edward Brown (1983) descreve em seu livro *A comunidade do discípulo que Jesus amava* que as comunidades joaninas originou-se através dos discípulos de Jesus, especificamente o discípulo que Jesus amava, correspondendo ao período pré-evangélico da história joanina que aconteceu entre 50-80 d.C. Sendo composta

por judeus, seguidores de João Batista, samaritanos, opositores ao templo, prosélitos e gentios, inicialmente a fé em Jesus envolvia uma cristologia relativamente baixa, mais tarde foi que surgia uma cristologia mais alta.

De acordo com o autor, a formação e edificação da comunidade acontecem em três momentos. O primeiro citado acima, o segundo quando a comunidade passou a ser marcada pela rejeição do judaísmo farisaico, dirigida aos membros dessa comunidade, que já haviam sido expulsos das sinagogas, mas que agora estavam sendo perseguidos.

A insistência em uma alta cristologia tornou as lutas com os “judeus” mais intensas fazendo com que esta comunidade dirigisse aos judeus da diáspora e aos gentios. O terceiro momento, quando estabeleceu dentro da comunidade, uma luta entre dois grupos dos discípulos de João causando uma espécie de divisão. No entanto, Helmut Koester (2005) enfatiza que conforme foi revisando o evangelho aproximando-se mais da teologia majoritária do cristianismo sírio as comunidades que estavam separadas juntou-se em prol da aceitação da autoridade do nome de Pedro.

Por conseguinte, explanado sobre a comunidade, discutiremos em seguida sobre a escrita e estrutura do Evangelho de João. Assim, Helmut Koester (2005) descreve que o discípulo João teoricamente possa ter utilizado fonte de discursos gnósticos (não cristãos) para a composição da narrativa:

Embora essa hipótese tenha sido muito criticada- e o pressuposto do recurso a uma fonte não-cristã é altamente problemática- Baumann poderia muito bem estar correto com seu conceito de que os discursos joaninos são devedores a um debate com materiais gnósticos e forma formulados no contexto desse debate (KOESTER, 2005, p 195).

Para Koester (2005), o evangelho de diálogos que está preservado no diálogo do salvador, demonstra que existe uma ligação com os discursos gnósticos. A descoberta da biblioteca de Nag Hammadi <sup>8</sup>possibilitou a chegar nessa conclusão, pois foram encontrados diversos escritos que auxiliam na reconstrução desses discursos. O evangelho de Tomé é um bom exemplar, foram empregados na sua composição os ditos, provérbios, fórmulas querigmáticas, tradições teológicas antigas no qual o autor do evangelho de João utilizou para compor o seu: “O evangelho de Tomé é especialmente importante no esforço de descobrir os ditos nucleares dos diálogos e discursos joaninos” (KOESTER, 2005, p 196,).

---

<sup>8</sup> A descoberta da Biblioteca de Nag Hammadi em 1945 foi descrita como sendo *"tão fascinante quanto o conteúdo dos textos"*. Em dezembro daquele ano, dois irmãos egípcios encontraram diversos papiros numa grande jarra de argila enquanto procuravam por fertilizante em cavernas de rocha calcária perto da atual Hanra Dom no Alto Egito.

Os gnósticos ou gnosticismo trata-se de uma corrente religiosa e filosófica que busca o conhecimento da vida interior do homem. Maria de Fátima Moreira de Carvalho (2009) contextualiza que se afirmando cristões desde o início, revelaram-se fortes opositores do cristianismo e do judaísmo, por considerarem as suas doutrinas como meio de opressão. Este grupo já existia antes mesmo do cristianismo e já possuíam sua própria visão de mundo a que se mantiveram sempre fiéis.

Continuamente, percebe-se que a linguagem do Evangelho é diferente da linguagem dos evangelhos sinóticos. Termos ausentes ou raros como amor, conhecer, crer, reino predominam no evangelho, a datação, autoria e geografia são bastante conflituosas. André Leonardo Chevitarese (2019) ressalta que o texto de João, tal como se apresenta, parece ser resultado da ação de um redator situado em meados e final da primeira metade do século II: “Este redator, no seu trabalho de edição, estaria processando materiais oriundos do primeiro e das primeiras décadas do segundo século” (CHEVITARESE, 2019, p 31.).

Com isso, identificamos que o evangelho em análise é bem diferente dos sinóticos, no evangelho o discípulo fala de três páscoas nas quais Jesus participou em Jerusalém, atuando fortemente na Judeia. Os sinóticos descrevem apenas uma viagem de Jesus a Jerusalém, concentrando seu ministério na Galileia. Koester (2005) descreve que a possível “semelhança” entre os evangelhos é apontada na última etapa do evangelho de João, especificamente na narrativa da paixão e nas histórias de milagres.

Desse modo, Koester (2005) ressalta que a formação do evangelho de João possivelmente se deu através dos ditos de Jesus. De acordo com o autor, uma das características da tradição joanina é o material que resultou na formação de diálogos e discursos que refletem a cristologia especificamente joanina. O autor de João não produziu novos discursos, mas utilizou e expandiu discursos mais antigos:

Análises semelhantes de outros discursos do Evangelho de João mostram como muitos ditos e outros materiais tradicionais são neles inseridos. O Evangelho de Tomé é especialmente importante no esforço de descobrir os ditos nucleares dos diálogos e discursos joaninos (KOESTE, 2005, p 196.).

Assim, percebe-se que o evangelho de João pressupõe mais do que apenas ditos, o evangelho é também um importante testemunho do desenvolvimento inicial de uma compreensão gnóstica da tradição dos ditos de Jesus e de uma interpretação espiritualmente dos sacramentos. Koester enfatiza que a primeira parte do evangelho tem o objetivo de analisar critérios tradicionais para o reconhecimento da revelação, no qual inclui a reação das pessoas aos milagres de Jesus.

A narrativa do evangelho tem seu enfoque principalmente nos feitos de Jesus, mas também nos fornece informações sobre grandes personagens bíblicos como João Batista e Maria Madalena. Assim como os evangelhos sinóticos, o de João narra a morte e ressurreição do salvador, no entanto, João discorre sobre Madalena com mais clareza. É notória que apenas o evangelho de João 19-25 descreve a presença de Magdala, da mãe de Jesus e Maria de Cleofas na cruz junto a Jesus, gerando discussão e teorias sobre ele.

Carvalho (2009) enfatiza que existem muitas polêmicas sobre Maria Madalena e o discípulo João, principalmente quando se fala sobre a identidade do discípulo que “Jesus amava”, onde muitas suposições apontam Madalena como sendo o discípulo:

Aprofundado mais ainda o seu imaginário, Áreas através de vários argumentos, manifesta a hipótese de que o discípulo amado citado no IV evangelho, não seria João, mas sim, Maria Madalena, pois, as minúcias registradas só poderiam ser narradas por alguém que houvesse vivenciado a cena e não apenas tivesse ouvido por terceiros (CARVALHO, 2009, p 63).

Assim, essa hipótese segundo a autora implica na inexistência do apóstolo, o que está totalmente fora de cogitação, pois o nome dele e o seu trabalho para Jesus é declarado nos evangelhos sinóticos. Koster (2005, p 213) exclama que João está presente nas epístolas joaninas e que possivelmente as epístolas sejam anteriores ao evangelho, pois 1 João vai além de uma simples defesa do Evangelho de João, ele expande a teologia joanina apropriando-se de outros conceitos que eram recorrentes ao cristianismo.

#### 4- MADALENA COMO TESTEMUNHA PRINCIPAL

O historiador François Hartog (2013, p 204) descreve em seu livro *Evidência da História o que os historiadores veem* que a testemunha é entendida, por sua vez, como portadora de memória, ela é reconhecida e procurada, além de estar presente e, até mesmo, á primeira vista onipresente. Hartog (2013) ressalta que os cristãos na primeira parte do I século além de adotar a testemunha ocular como parte principal da igreja insere a testemunha em um contexto de revelação.

Segundo o autor, o evangelho de João é um excelente exemplar, pois no decorrer da narrativa entre o início e o fim, vários episódios envolvendo testemunhas são narrados. Desse modo, analisaremos a importância de Magdala como testemunha ocular da crucificação de Jesus. Apesar de alguns autores não concordarem quanto ao número e ao nome das mulheres, os quatro evangelistas concordam que Maria Madalena estava presente. Além disso, a personagem é considerada um dos elementos que unem a narrativa dos evangelhos, pois é possível identificar a presença de Madalena nos quartos evangelhos no cenário da ressurreição, o quadro abaixo demonstra essa afirmação:

Quadro 02: Madalena nos 4 evangelhos

| Mc 16, 1-2                                                                                                                                                                               | Mt 28,1                                                                                                 | Lc 23,55; 24,1                                                                                                                                                                                                                                             | Jo 20,1                                                                                                                                         |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Passado o sábado, Maria de Magala e Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para ir ungir o corpo. De madrugada, no primeiro dia da semana, elas foram ao túmulo ao nascer do sol | Após o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria vieram ver o sepulcro | As mulheres, porém, que vieram da Galileia com Jesus, haviam seguido a José; observaram o túmulo e como o corpo de Jesus fora ali depositado. No primeiro dia da semana, muito cedo ainda, elas foram ao sepulcro, levando os aromas que tinham preparado. | No primeiro dia da semana, Maria Madalena vai ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro e vê que a pedra fora retirada do sepulcro. |

Percebemos assim, que os textos evangélicos corroboram para construção do papel das mulheres como testemunhas, dentre as quais se destaca, de forma unânime, Madalena. Dessa forma, com o intuito de detectamos divergências em torno da personagem como testemunha na narrativa da ressurreição, analisaremos o evangelho de João em três bíblias

diferentes: Bíblia de Jerusalém (2002), Santa Bíblia (2000) e na Bíblia pastoral Ave Maria (2014), especificamente nas partes que Madalena está inserida.

Neste sentido, torna-se essencial entendermos o processo de formação do cânone neotestamentário (Novo Testamento). Flávio Henrique Santos de Souza (2021, p, 195) contextualiza em texto *O processo de formação do cânone neotestamentário (século I ao IV EC)* que a bíblia é uma das obras mais importantes do mundo, por sua vez, de certa forma é uma das mais incompreendida. Segundo o autor, é necessário que o pesquisador/ historiador esteja verdadeiramente empenhado em analisá-la corretamente, pois cada livro bíblico deve ser lido e pensado no interior de cada tempo, espaço e autor/redator específico.

Para compreender a formação e edificação do Novo Testamento é preciso cientificamente que as comunidades cristãs antigas possuíam diversas formas de organização litúrgica, e que antes do século IV era difícil ter uma compilação com 27 livros autorizados para cada comunidade. Dessa forma, os livros escolhidos para compor o Novo Testamento teriam que ser atribuídos a apóstolos ou seguidores de apóstolos, pois a partir do século II, muitos teólogos e cristãos apareceram postulando seus livros como sagrados:

A partir do segundo século, uma gama de teólogos e grupos cristãos apareceram postulando seus livros tidos como sagrados. Porém, o processo de elaboração do cânone neotestamentário foi lento, gradual e contínuo. Pois apenas no século IV, como aludido anteriormente, é que houve a enumeração dos “textos sacros”, isto é, dos vinte e sete que seriam permitidos (SOUZA, 2021, p 197).

Segundo o autor, muitos grupos cristãos tinham livros considerados sagrados como os Marcionistas<sup>9</sup> e os Ebionitas<sup>10</sup>, por exemplo. Neste aspecto, percebe-se que a formação do cânon testamentário se deu através de disputa de poder, o grupo ortodoxo venceu os grupos menores, e muitos livros como evangelho de Pedro, as epístolas de Barnabé e o evangelho de Maria Madalena não entraram no cânone, pois foram considerados contrários à teologia dos ortodoxos.

#### **4-1 Madalena no evangelho de João nas diferentes bíblias**

É evidente que as traduções bíblicas possuem diferentes tradutores, ou seja, público específico e intencionalidades diferentes. Nesse sentido, almejando um melhor entendimento sobre a função de Madalena no evangelho de João, comparamos a tradução de três diferentes

---

<sup>9</sup> Segundo o autor Flávio Henrique Santos de Souza (2021) os marcionistas são um grupo cristão formado pelos seguidores de um teólogo da Ásia Menor chamado Mariçao (85-160 EC), tinham seu cânone próprio. A teologia de Marciã, em resumo, dizia que existia um Deus no Antigo Testamento e um Deus no Novo Testamento.

<sup>10</sup> Segundo o autor Flávio Henrique Santos de Souza (2021) os ebionitas era formado por judeus que se converteram à fé cristã e viam em Jesus alguém enviado por Deus.

bíblias: Bíblia de Jerusalém (2002), Santa Bíblia (2000) e a Bíblia pastoral (2014), especificamente nas partes que Madalena está inserida.

É indiscutível que o evangelho retrata a vida e a mensagem de Jesus, o ministério do Messias. Sendo assim, Madalena é apresentada no evangelho como seguidora e serva fiel de Jesus, o quadro abaixo descreve como Madalena é descrita no evangelho:

Quadro 03: Madalena no evangelho de João segundo a Santa Bíblia.

| Ordem cronológica | Ocorrência                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | Citação Bíblica |
|-------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| 01                | Estavam em pé, junto á cruz de Jesus, sua mãe, e a irmã de sua mãe, e Maria, mulher de Clópas, e Maria Madalena.                                                                                                                                                                                                                                                | Jo 19:25.       |
| 02                | No primeiro dia da semana Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu que a pedra fora removida do sepulcro. Correu, pois, e foi ter com Simão Pedro, e o outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram. Saíram então Pedro e o outro discípulo e foram ao sepulcro. | Jo 20: 1-3.     |
| 03                | Maria, porém, estava em pé, diante do sepulcro, a chorar. Enquanto chorava, abaixou-se a olhar para dentro do sepulcro.....                                                                                                                                                                                                                                     | Jo 20: 11-18    |

Com a análise desta fonte foi possível concluir que a bíblia conhecida popularmente como bíblia evangélica, foi traduzida na linguagem atual, onde o tradutor João Ferreira de Almeida<sup>11</sup>, com o intuito de facilitar a compreensão dos seus leitores descreve a narrativa de João com palavras de fácil entendimento. No entanto, percebemos que o tradutor não buscou fazer uma introdução do evangelho, também não fornece informações sobre datação ou comunidade do autor, e nitidamente não distingue o evangelho de João dos sinóticos.

Dessa forma, nas primeiras páginas o tradutor apresenta o evangelho de João como fonte mensageira da palavra de Deus: “Houve um homem chamado João, que foi enviado por

<sup>11</sup> João Ferreira Annes d'Almeida, ou simplesmente João Ferreira de Almeida, foi um ministro pregador da Igreja Reformada nas Índias Orientais Holandesas, reconhecido especialmente por ter sido o primeiro a traduzir a Bíblia Sagrada para a língua portuguesa.

Deus para falar a respeito da luz. Ele veio para que por meio dele todos pudessem ouvir a mensagem e crer nele” (Jo 1:7). E em seguida evidenciar os feitos de Jesus aqui na terra, a narrativa claramente demonstra a edificação e formação do movimento de Jesus. Madalena assim como os outros personagens ocupam lugares secundários na narrativa.

Por conseguinte, a bíblia pastoral (2014) possui características diferentes da citada acima. O tradutor Pedro Lima Vasconcellos <sup>12</sup>descreve que feita a partir das linguagens originais, a tradução desta bíblia procura ser a mais simples possível sem no entanto descuidar de elementos importantes do texto bíblico.

Vasconcellos (2014) introduz o evangelho de João exclamando que o quarto evangelho é bem distinto dos anteriores, na linguagem e no conteúdo, que o livro trata-se de aprofundar uma fé já conhecida, visando o fortalecimento da comunidade na certeza que Jesus é o Messias. É notório que esta bíblia possui uma melhor tradução e claramente sua produção foi bem elaborada. Madalena apresenta-se nas cenas referentes à ressurreição de Cristo, como testemunha e anunciadora da sua ressurreição, o quadro abaixo reafirma essa informação:

#### 4- Madalena no evangelho de João segundo a bíblia pastoral

| Ordem cronológica | Ocorrência                                                                                                                                                                                                                                                  | Citação bíblica |
|-------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| 01                | Junto á cruz de Jesus estavam sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena                                                                                                                                                                | Jo 19:25.       |
| 02                | No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi bem cedo ao túmulo de Jesus quando ainda estava escuro. E logo viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo. Então saiu correndo e foi encontrar Simão Pedro e o outro discípulo, aquele a quem Jesus amava. | Jo 20: 1-2      |
| 03                | Maria continuava ali, chorando junto ao túmulo. Enquanto chorava, inclinou-se na direção do túmulo....                                                                                                                                                      | Jo 20: 11-17    |

<sup>12</sup> Mestre e livre-docente em Ciências da Religião, doutor em Ciências Sociais, pós-doutor em História e professor do programa de pós-graduação em História, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Caracterizada popularmente como bíblia católica, esta obra assim como as outras duas, destaca a figura de Jesus como personagem principal. Entretanto, identificamos que o tradutor e organizador dessa fonte, teve o cuidado de introduzir o evangelho, contextualizando sobre a comunidade do autor, descrevendo como se deu a formação da escrita e a divisão do livro, em notas de rodapé o mesmo explica cada passagem, ajudando o seu leitor a entender a narrativa.

A bíblia de Jerusalém (2002) considerada como uma das melhores bíblias de estudo, essa obra nos fornece uma introdução riquíssima em detalhes sobre o evangelho de João. O tradutor Joaquim de Arruda Zamith <sup>13</sup> produziu longas 5 páginas introdutórias sobre a formação do livro, em uma das páginas o mesmo enfatiza que não pode-se afirmar quem realmente seja o autor do quarto evangelho:

“Qual é o autor do quarto evangelho? ou, antes, quais são os autores, uma vez que esse evangelho provavelmente se formou em etapas sucessivas? É difícil responder. O nome daquele que fez a última redação é desconhecido” (JERUSALÉM, 2002).

Percebe-se, que o objetivo da tradução desta fonte é situar o seu público leitor sobre a verdadeira construção do evangelho, considerando assim a datação, as comunidades joaninas, autoria e destinatário. Diferente das bíblias citadas acima, a de Jerusalém disponibiliza informações sobre os evangelhos sinóticos, Zamith (2002) descreve que a redação joanina mais antiga, conservada no evangelho de João, ecoa tradições independentes da tradição sinótica.

Joaquim de Arruda Zamith (2002) traduziu o evangelho com muitas informações necessárias, é notório que ao longo da narrativa o autor disponibiliza em nota de rodapé explicações sucintas sobre a narrativa. Em notas de rodapé o tradutor descreve Madalena como uma das mulheres que seguiam Jesus, Madalena é apresentada para os leitores a partir do versículo 19, o quadro abaixo mostra como a personagem é descrita na narrativa:

#### 05- Madalena no evangelho de João segundo a bíblia de Jerusalém.

| Ordem cronológica | Ocorrência                                                                                             | Citações bíblicas |
|-------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| 01                | Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria | Jo 19: 25.        |

<sup>13</sup>Foi um dos tradutores da Bíblia de Jerusalém, nasceu em Campinas, SP, no dia 28 de julho de 1924.

|    |                                                                                                                                                                                                                                                         |              |
|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|
|    | Madalena.                                                                                                                                                                                                                                               |              |
| 02 | No primeiro dia da semana, Maria Madalena vai ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro e vê que a pedra foi retirada do sepulcro. Corre, então, e vai a Simão Pedro e ao outro discípulo, que Jesus amava.                                 | Jo 20: 1-2.  |
| 03 | Maria Madalena estava junto ao sepulcro, de fora, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se para o interior do sepulcro e viu dois anjos, vestidos de brancos, sentados no lugar onde o corpo de Jesus fora colocado, um à cabeceira e outro aos pés..... | Jo 20: 11-18 |

Contudo, podemos afirmar que independente da tradução, Madalena é concebida como parte de um dos grupos que acompanhavam Jesus como pobre, crianças, enfermos, ladrões e obviamente mulheres. Enquanto testemunha Madalena é caracterizada como a primeira pessoa a ver a pedra do sepulcro removida, no entanto, não é concedida a personagem tal protagonismo, pois as narrativas a inserem como uma simples integrante do grupo de mulheres que presenciaram a ressurreição de Cristo. Sua biografia propriamente dita há pouquíssimos dados, todos eles oferecidos pelos Evangelhos, cujas informações precisam ser analisadas e problematizadas.

#### **4-2 Evangelho de Maria Madalena**

Analisando como aparece a figura de Maria Madalena no evangelho apócrifo chamado *Evangelho de Maria Madalena* identificamos que seu evangelho trata-se em um primeiro plano de proclamar e anunciar os ensinamentos deixados por Jesus aqui na terra: “Quando o filho de Deus assim falou, saudou a todos dizendo: “A paz esteja convosco. Recebi minha paz. Tomai cuidado para que ninguém vos afaste do caminho, dizendo: ‘Por aqui’ ou ‘por ali’, pois o filho do homem está dentro de vós” (MA, p 531).

Entretanto, além desse fato, identificamos também que a narrativa descreve uma disputa de poder entre o discípulo Pedro e Madalena. O discípulo Pedro nitidamente demonstra-se incomodado com os ensinamentos de Madalena, a qual foi considerada neste

evangelho não simplesmente como uma ajudante ou discípula, mas como apóstola basilar, tendo conhecimentos de particulares ensinamentos de Jesus.

Assim, deduzimos o assunto principal, isto é, a autoridade da voz feminina na igreja primitiva. É inquestionável que nos versos da página 532 Pedro reconhece que a discípula tinha a preferência do amor do Salvador:

Pedro disse à Maria: “Irmã, nós sabemos que o Salvador te amava mais do que outra mulher. Conta-nos as palavras do Salvador, as que te lembra, aquelas que só tu sabes e nós nem ouvimos”. Maria Madalena respondeu dizendo: “esclarecerei a vós o que está oculto” (MA, p 532).

As palavras de Pedro nos remetem em uma primeira leitura que o discípulo desperta certa admiração por Madalena. No entanto, nota-se que não é bem admiração, mas irritação pela preferência de Jesus:

Pedro respondeu e falou sobre as mesmas coisas. Ele os inquiriu sobre o Salvador: “Será que ele realmente conversou com uma mulher e não abertamente conosco? Devemos mudar de opinião e ouvirmos ela? Ele a preferiu a nós?” Então Maria Madalena se lamentou e disse a Pedro: Pedro, meu irmão, o que estás pensando? Achas que inventei tudo isso no mau coração ou que estou mentindo sobre o Salvador? (MM, p 533).

Eleonora Graziani (2017) descreve que os apóstolos não aceitavam a exclusividade de Madalena e de certeza Pedro não a compreendia. Segundo a autora, para Pedro é improvável que o Senhor tivesse realmente falado em segredo a Madalena, principalmente por ela ser mulher, o verdadeiro incomodo estava em escutá-la e, portanto, colocá-la numa posição superior à deles.

Dessa forma, Graziani (2017) exclama que o processo de exclusão das mulheres possivelmente procede juntamente com a afirmação da Igreja ortodoxa sobre a Igreja cristã gnóstica. Tornando-se, inegável que por Madalena ser mulher e apóstola, ocorreram diversas formas de apagamento histórico desta personagem, por exemplo, podemos citar as diversas distorções da sua imagem.

Por Madalena, ser citada no Novo Testamento simplesmente como Maria, fez com que a liga-se equivocadamente com várias personagens: Maria de Magdala, a pecadora que ungiu os pés a Jesus (Luca, 7,37), a irmã de Marta e Lazaro (Luca, 10, 38-42 & João, 11, 5). Madalena como personagem bíblica foi utilizada por papas como o papa Gregório Magno, no século IV, em sermões de disciplinas, assim, no imaginário popular Madalena ainda é caracterizada como “pecadora arrependida”.

Graziani (2017) ressalta que são muitas as representações equivocadas sobre a personagem. Nas pinturas de arte ocidentais, podemos citar os artistas Canova, Donatello,

Gentileschi, Caravaggio, Reni e outros (Mosco, 1986), que claramente nas suas pinturas representam Magdala como uma bela e voluptuosa mulher, com o olhar ao céu ou como uma mulher em sofrimento e emaciada de cabelo comprido cobrindo o corpo.

As representações são muito úteis à Igreja, pois Madalena simboliza uma mulher diferente da virgem Maria, servindo de ensinamento e correção para aquelas mulheres que não se enquadram nos moldes estipulados. Como todos sabem, há apenas dois papéis aceitáveis para as mulheres no mundo bíblico: mães e virgens, que idealmente estão juntos na mesma pessoa, aquela da Maria Virgem.

Dessa forma, concluímos que a existência e importância de Madalena jamais poderá ser negada. A personagem permanecerá no imaginário da humanidade, quer para investigar o que representa o significado da ressurreição de Jesus testemunhada por uma mulher, quer para tecer interpretações e mitos que expliquem o evento e a testemunha. Apesar de a personagem ser representada erroneamente por alguns autores como prostituta arrependida, esposa ou amante de Jesus. Madalena representa através do seu evangelho resistência, pois apesar de esta inserida em uma sociedade patriarcal, destacou-se desempenhando papéis que eram visto como direcionados ao sexo masculino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No término desta pesquisa, podemos afirmar e reafirmar a fala da autora Michelle Perrot (1995). A autora descreve que escrever a história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade.

Neste sentido, considerando que as narrativas evangélicas neotestamentárias não disponibilizam um lugar de protagonismo para as mulheres que nelas estão inseridas, este estudo buscou disponibilizar através da escrita, um lugar de protagonismo à personagem bíblica Maria Madalena. Tendo como fontes principais os evangelhos de João e de Maria Madalena, buscamos mostrar às diferentes interpretações formuladas em relação à personagem.

Desta forma, logo nas primeiras páginas problematizamos os rótulos usados popularmente para definir a personagem como: esposa de Jesus, pecadora arrependida, serva fiel, apostola entre outros. Sabendo-se que essas representações foram elaboradas propositalmente, buscamos evidenciar e analisar tais representações, realizando assim, um estudo comparativo.

Para tanto, inicialmente estudamos a sociedade e o século no qual a personagem está inserida, com o intuito claramente de identificar o papel e a função das mulheres naquela sociedade. Pertencente à sociedade romana, concluímos que as mulheres daquela época viviam sobre o modelo patriarcal, onde as mesmas não participavam de modo direto da política, pois não podiam ocupar os cargos políticos e nem concorrer pelo controle do império.

É indiscutível que as mulheres romanas eram orientadas, através dos escritores elitistas, a seguir determinados modelos de comportamento, aquelas que resistiam aos modelos estipulados, eram consideradas prejudiciais à cidade, aos lares, à divindade, ao homem e aos ativos. No segundo momento, analisamos a participação feminina nas comunidades Cristãs e percebemos que nos primeiros três séculos do cristianismo as mulheres eram essencial para o movimento, pois as reuniões aconteciam nas casas, ou seja, nos ambientes privados.

Nesse sentido, evidenciamos também uma hierarquia na distribuição das funções eclesiásticas. As mulheres eram encarregadas de instruir os jovens aos valores domésticos tradicionais e os homens destinados à pregação e ao comando das igrejas. Para melhor explicar nosso posicionamento, utilizamos a narrativa da ressurreição, pois apesar das

narrativas canônicas convergirem para o mesmo entendimento, de que Maria Madalena e as outras mulheres, que acompanhavam Jesus desde a Galiléia, assistiram a sua crucificação e morte. Cavalcante e Maria (2020) descrevem que há uma forte tradição oral e incômoda de que Jesus não estava disposto e preocupado em aparecer primeiramente aos discípulos atribuindo às mulheres esse privilégio, todavia, não por merecimento, mas como forma de disciplinar os discípulos.

Assim, conclui-se que tendo em vista que as mulheres das narrativas citadas acima foram invisibilidades por muito tempo e postas á margem em nossa própria historiografia, nosso estudo aqui apresentado, teve o intuito de conceder a personagem Maria Madalena um espaço de protagonista, através desta escrita almejamos que outros historiadores/pesquisadores encontrem informações em língua portuguesa sobre essa mulher tão marcante.

## REFERÊNCIAS

ALFÖLDY, Géza. **A História social de Roma**. Lisboa: Presença, 1989, p. 36-109.

BARROS, José D'assunção. **Memória e História: uma discussão conceitual**, vo 15 • 1º semestre de 2011 • p. 317-343.

**BÍBLIA- Bíblia Pastoral. São Paulo 2014**

**BÍBLIA –Bíblia Sagrada: Nova tradução de hoje. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.**

**BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição, Revista e Revisada, São Paulo: Paulus, 2002.**

BROWN, Raymond E. **A Comunidade do Discípulo Amado**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1983.

CAMPOS, Ludimila. Como a simples mãe de Jesus: A representação de Maria nos evangelhos ditos canônicos. **Veredas da História**, [online] v. 5, p. 77-87, 2012.

CARVALHO, Maria de Fátima Moreira de. **As representações de Maria Madalena, na perspectiva bíblica e contemporânea**. João Pessoa, 2009.

CAVALCANTE, Juliana B. **Mulheres nos cristianismo paulinos.- 1.Ed.- Rio de Janeiro: Klíne. 2021.**

CAVALCANTI, Juliana Batista. **Os Círculos Paulinos: um Estudo Comparativo sobre as Relações de Poder à Luz dos Rituais Batismais nas Comunidades Coríntia e Efésia (I-II EC)**.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Annales**. N° 6, p. 173-191, Nov-Dez, 1989.

CHEVITARESE, André Leonardo. **Cristianismos: Questões e debates metodológicos**, Rio de Janeiro: Klíne, 2016.

CHEVITARESE, André Leonardo. **Jesus no evangelho do discípulo que Jesus amava: a experiência cotidiana numa antiquíssima comunidade cristã.** Ramalho Edições Acadêmicas, 2019.

CROSSAN, John, Dominic. **Jesus uma biografia revolucionária.**- Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

DETIENNE, Marcel. Marcel Detienne e o experimento da comparação. **Cultura histórica & Patrimônio**, v 2, n 1, 2013.

FERREIRA, José Ribeiro. **A Grécia antiga.** Lisboa: Edições 70, 1997.

FARIAS JÚNIOR, José Petrucio de; VIANA, J. V. M.. O HEXAÊMÉRON DE BASÍLIO DE CESAREIA E SUA RETÓRICA APOLOGÉTICA CONTRA OS GNÓSTICOS. **Revista de Estudos sobre o Jesus Histórico e sua Recepção**, v. 25, p. 37-55, 202.

GILSA, Talita Von. **Maria Madalena: novos olhares a partir da produção cinematográfica de 2018.** Florianópolis, 2021.

GILVAN, Ventura da Silva. **As identidades no tempo: ensaios de gênero, etnia e religião.** EDUFES: Universidade Federal do Espírito Santo. 2006.

GRAZIANI, Maria Eleonora. **Quem é Maria Madalena? Reflexões sobre o Evangelho segundo Maria.** 2017.

KOESTER, Helmut. Introdução ao **Novo Testamento, volume 2: história e literatura do cristianismo primitivo.** São Paulo: Paulus, 2005.

LIMA, Elda, Cássia. De testemunha a apóstola: Maria Madalena segundo os evangelhos. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 30, n. 3, p. 435-443, 2020.

MARTINS, Anna Karla, **Maria dos evangelhos e Maria do século XIX: uma comparação entre a construção bíblica e os estudos femininos da Woman' s Bible.** Universidade Federal de Santa Catarina, 1-83, Dezembro, 2016.

NETO, CALVACANTE, Felipe, F. Juliana, B. **Judaísmo e Cristianismos: interações culturais da Bacia Mediterrânea**. I. Ed.- Rio de Janeiro: Klhe. 2021.

PERROT, Michelle. Escrever uma História das mulheres: relato de uma experiência. **DOSSIÊ: “História das mulheres no Ocidente”**, Unicampo, p, 9-28, Maio, 1994.

SILVA, Gilvan Ventura. **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. - Rio de Janeiro. EDUSPES, 2006.

SILVA, RODRIGUES, Felipe Noé, Catarina de Faria. **Desigualdade social na Antiguidade: agenciamentos e linhas de fuga**. São Carlo: Pedro & João Editores, 2023.

SIVAL, Roberta Alexandrina. **O Reino para Elas: Mulher e Comunidades Cristãs no Primeiro Século da Era Cristã** / Roberta Alexandrina da Silva. -- Campinas, SP: [s.n.], 2006.

SOUSA, Maria Isabel. A virgem Maria nos evangelhos canônicos, nos escritos apócrifos e nas orações: Interpretações sobre seu culto na baixa idade média. **Revista Ares História**, [online], nº 15, p. 1-17, Jul/Dez, 2017.

SOUSA, WISCH, Carolina, Tatiana: O papel das mulheres entre os Evangelhos de Marcos e Mateus: O caso das narrativas intercaladas de Mt 9.18-21. **Revista Coisas de Gênero**, São Leopoldo v.4 n.2 , p. 119-132, Jul-Dez. 2018.

VEIGA, Daniel Soares. Era a comunidade Joanina um grupo **Revista Mundo Antigo** – Ano V, V. 5, Nº 10 – Junho – 2016.

VERNANT, Pierre. **Universo espiritual da polis**. In: origens do pensamento grego.- Rio de Janeiro, 2002, p 53-72.

VEYNE, Paul. **O império grego-romano**. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

ZIERER, Adriana. **Nas trilhas da antiguidade e Idade Média**. São Luís: EDUEMA, 2019, V 2.

ZIERER, BOMFIM, Adriana, Ana Livia. **História antiga e medieval**, conflitos sociais, guerras e relações de gênero: representações e violência.- São Luís: EDUEMA, 2017, V



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA

“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

### Identificação do Tipo de Documento

- Tese
- Dissertação
- Monografia
- Artigo

Eu, **CRISLÂNDIA PEREIRA DE CARVALHO**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **MULHERES NOS CRISTIANISMOS ANTIGOS: REPRESENTAÇÕES SOBRE MARIA MADALENA NO EVANGELHO DE JOÃO E NO EVANGELHO DE MARIA MADALENA** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 30 de Setembro de 2023.

*Crislândia Pereira de Carvalho*

Assinatura

*Crislândia Pereira de Carvalho*

Assinatura